



# SUMÁRIO

## PARTE I: Influências

1. The Fall
2. Taj Mahal
3. Poisonblack
4. New Order
5. Garbage
6. Madness

## PARTE II: Audições

7. Stray Cats
8. Cash Money Crew
9. Fear
10. The Music
11. Sound Dimension
12. The Temptations



### **PARTE III: Ensaios**

13. Missing Persons
14. The Replacements
15. The Need
16. Love Bites
17. Foreign Objects

### **PARTE IV: O Acordo**

18. Anonymous
19. The Impressions
20. Grievous Angels
21. the Runaways
22. Crowded House

### **PARTE V: O Show**

23. Moral Hazard
24. 10.000 Maniacs
25. Massive Attack

### **PARTE VI: A Turnê**

26. Hunters and Collectors
27. Faithless
28. Doctor
29. The Kills

Epílogo: The Cure

Nota do Autor

Agradecimentos



# PARTE I

## INFLUÊNCIAS







*Já ouviu esses versinhos encantadores de uma canção de ninar?*

*Roda em róseas cores.*

*No bolso, muitas flores.*

*Cinzas, cinzas, todos caímos.*

*Algumas pessoas dizem que essa cantiga é sobre a Peste Negra, a praga que matou 100 milhões de pessoas no século XIV. A teoria é a seguinte: “roda em róseas cores” era um sintoma inicial da praga; uma erupção circular na pele avermelhada. Nos tempos medievais, as pessoas andavam com flores para se proteger da doença. Quanto às “cinzas”, a expressão “do pó ao pó” é usada nas missas de corpo presente. Além disso, às vezes, as casas das vítimas da peste eram queimadas.*

*E quanto a “todos caímos”?*

*Bem, acho que você pode chegar às suas próprias conclusões.*

*Infelizmente, porém, a maioria dos especialistas acredita que tudo isso não passa de besteira. Segundo eles, uma erupção avermelhada não é sintoma da praga, e, originalmente, usava-se outra palavra no lugar de “cinzas”. E o mais importante: os versos são muito recentes. Só apareceram impressos em 1881.*

*Mesmo assim, acredite em mim: o tema é a peste. Sim, as palavras mudaram um pouco em relação às originais, mas não é nada diferente do que acontece a muitas outras palavras nas bocas de crianças por setecentos anos. Trata-se de um pequeno lembrete de que a Peste Negra vai voltar.*

*Como posso ter tanta certeza sobre essa cantiga, se todos os especialistas discordam?*

*Eu comi o garoto que a criou.*

ARQUIVOS DO PREFEITO DA NOITE:

102-130





# 1. The Fall

—MOZ—

Acho que Nova York estava vazando.

Passava da meia-noite e continuava fazendo 37 graus. Uma espécie de suor da cidade escorria pelas falhas da calçada, emitindo arco-íris formados por peças de óleo sob a luz dos postes. Algo escorria do lixo amontoado na frente dos restaurantes do bairro indiano — sobras de *curry* transformando-se em chorume. No dia seguinte, os brilhantes sacos plásticos exalariam um cheiro incrivelmente repugnante, mas, ao passar por lá naquela noite, eu ainda podia sentir os aromas de açafrão e de arroz recém-descartado.

As pessoas também suavam: rostos reluzentes e cabelos desarrumados, como se tivessem acabado de sair do chuveiro. Olhos perdidos, e celulares balançando sem rumo, presos aos pulsos dos donos, refletindo de leve as luzes e tocando esporadicamente um trecho de alguma música grudenta.

Eu estava voltando para casa, depois do ensaio com Zahler. Como estava muito quente para compor qualquer

13



coisa nova, só tínhamos praticado uns *riffs*, repetindo os mesmos quatro acordes milhares de vezes. Depois de uma hora, o *riff* havia sumido da minha cabeça, exatamente como acontece quando se repete uma palavra sem parar, até que ela perca o sentido. Depois de um tempo, tudo que eu ouvia era o barulho dos dedos úmidos de Zahler nas cordas e o amplificador chiando como um tubo de vapor, uma outra música se misturando à nossa.

Imaginávamos ser uma banda se aquecendo no palco, animando a platéia gradualmente, antes de o vocalista entrar em cena: a Maior Introdução do Mundo. Acontece que não tínhamos um vocalista. Assim, o *riff* simplesmente foi sumindo em meio aos rios de suor.

Às vezes pressinto quando algo importante vai ocorrer — quando vou arrebentar uma corda da guitarra, ou vou ser flagrado entrando em casa furtivamente, ou quando meus pais estão prestes a começar uma briga *daquelas*.

Por isso, momentos antes de a TV cair, levantei os olhos.

A mulher tinha vinte e poucos anos, cabelos ruivos como fogo e olhos manchados, com maquiagem escura escorrendo pelo rosto. Ela jogou uma televisão pela janela do terceiro andar: um modelo antigo, quadrado, acompanhado pelo fio comprido se agitando durante o mergulho até a calçada. A TV resvalou numa escada de incêndio, provocando um barulho agudo, engolido segundos depois pelo impacto no chão, a uns 5 metros de mim.

Uma chuva de estilhaços de vidro, brilhantes e afiados, caiu perto dos meus pés. Tilintavam como lustres se chocando enquanto os outros pedaços perdiam velocidade até parar. Fragmentos dos postes e do céu apareciam refletidos nos cacos de vidro, como se a televisão tivesse se dividido em mil teli-



nhas, todas ainda funcionando. De uma lasca no formato de Manhattan, um dos meus próprios olhos me encarou. Arregalado e assustado, piscou.

A primeira coisa que fiz em seguida foi olhar para cima. Sabe, para o caso de todo mundo estar arremessando TVs da janela naquela noite, e eu precisar me esconder embaixo de um carro estacionado. Mas era só aquela mulher. E agora ela soltava longos gritos sem sentido e jogava mais coisas:

Almofadas com borlas. Bonecas e luminárias. Livros esvoaçando como pássaros em queda. Um pote cheio de canetas e lápis. Duas cadeiras vagabundas de madeira, despedaçadas na armação da janela primeiro, para passarem com mais facilidade. Um teclado de computador que lançou aos ares um monte de teclas e molas minúsculas. Talheres que reluziram durante a queda e tilintaram no chão como um triângulo para avisar que o jantar estava na mesa... um apartamento inteiro descartado através de uma única janela. A vida de uma pessoa à mostra na rua.

E, durante todo o tempo, ela gritava como um animal furioso lá em cima.

Olhei ao meu redor, para a multidão que se formava, a maioria voltando tarde do bairro indiano, entorpecida pelo *curry*. As expressões de enlevo nos rostos virados para cima me causavam inveja. Durante todo o tempo que eu tinha passado tocando com Zahler, eu havia imaginado uma platéia como aquela: pasma e agitada, arrancada da mesmice do dia-a-dia pelas orelhas e pelos olhos. De repente, a mulher maluca, com cabelo e maquiagem de roqueira, os mantinha hipnotizados. Por que se preocupar com *riffs* e solos e letras, quando tudo que a multidão deseja é uma avalanche de berros e mobília barata destruída?

Mas, quando o estado de choque se dissipou, o arrebatamento das pessoas se transformou numa coisa pior. Em pouco



tempo, as pessoas passaram a rir e a apontar para a mulher. Um grupo de garotos gritava “pula, pula, pula!” num coro perfeito. O flash de uma câmera disparou, captando uma centelha diabólica nos olhos da mulher. Alguns rostos refletiam a luz azulada dos celulares: estariam chamando a polícia ou amigos que moravam perto, para se juntarem ao grupo? — eu me perguntei.

Uma das espectadoras entrou na zona de impacto. Correndo meio agachada, agarrou um vestido preto, em meio à chuva de cabos de computador e extensões. Ela recuou segurando o vestido perto do corpo, como se tivesse acabado de escolhê-lo numa loja. Outra mulher se abaixou para pegar uma pilha de revistas.

— Ei! — gritei.

Eu ia lembrá-las de que não estávamos ali para revirar o lixo da mulher: ela podia querer as coisas de volta depois que aquela explosão psicótica passasse. Mas, nessa hora, os CDs começaram a voar. Eram projéteis brilhantes que caíam no asfalto como uma chuva de granizo em versão de plástico, cada um impulsionado da janela por um grito.

Os saqueadores recuaram: a mulher agora estava *mirando*, e os CDs eram armas perigosas. Os discos podem não machucar muito, mas aqueles ainda estavam dentro das caixas, o que lhes dava mais peso e cantos afiados.

Foi quando eu vi: o braço de uma guitarra surgindo da janela, e depois o resto do instrumento. Era uma Fender Stratocaster de meados da década de 1970, com captadores e alavanca dourados, corpo amarelo-creme e escudo branco.

Dei um passo à frente e estiquei o braço para cima.

— Espera!

A maluca me olhou com a maquiagem escorrendo pelo rosto como sangue negro, segurando a Stratocaster junto ao



peito. Suas mãos encostaram nas cordas, como se pretendesse tocar, mas então a mulher soltou um último e pavoroso urro.

— *Não!* — gritei.

Ela deixou a guitarra cair.

O instrumento de melodias delicadas girou no ar, reluzindo sob a luz dos postes. Eu já estava correndo, tropeçando em pedaços de plástico e montes de roupas, calculando quantos dos quatrocentos ossos em minhas duas mãos seriam quebrados por aquela madeira nobre envernizada, depois de uma queda de 10 metros.

Mas eu não podia deixá-la se despedaçar...

Nesse momento, aconteceu um milagre: a guitarra parou em pleno ar. A alça havia se prendido numa ponta da escada de incêndio. Agora a guitarra estava pendurada, girando perigosamente.

Parei imediatamente, olhando para cima.

— Aqui! — berrou alguém.

Baixei os olhos por um segundo: uma garota da minha idade, de cabelo preto e curto e óculos de aros vermelhos, puxava alguma coisa grande de baixo do monte de objetos, espalhando talheres por todos os lados.

— Cuidado — alertei, apontando na direção da Strat, que estava se soltando. — Vai cair a qualquer momento.

— Eu sei! Pega o outro lado!

Olhei novamente para ela, sem entender. A garota segurava duas pontas de um cobertor que havia encontrado na pilha. Ela esticou o tecido xadrez com um movimento rápido, como se estivéssemos arrumando a cama. Finalmente entendi e peguei as outras pontas.

Fomos nos afastando, esticando o cobertor e voltando a olhar para o alto. Lá em cima, a guitarra girava cada vez mais rapidamente, como uma criança num balanço.



— Vai com cuidado — pedi. — É um modelo 1973...  
Ahn, quer dizer, é muito valiosa.

— Com captadores dourados? — ela bufou. — Deve ser 1975.

Olhei para ela, curioso.

— Lá vem! — ela gritou.

A guitarra se soltou, ainda girando, reluzindo e com a alça se agitando. Caiu com força entre nós, como um corpo sem vida, quase arrancando o cobertor das minhas mãos. O peso nos puxou para perto um do outro, os pés deslizando, e logo estávamos cara a cara.

Mas não houve nenhum estrondo terrível; a Stratocaster não tinha se arrebatado no chão.

— Conseguimos salvá-la!

Seus olhos castanhos brilhavam. Avaliei a guitarra, em segurança, envolvida pelo tecido.

— Uau. Conseguimos mesmo.

Então ouvimos outro ruído vindo da escada de incêndio. Nós dois nos protegemos enquanto olhávamos para o alto. Mas não eram outros objetos caindo; eram duas pessoas, seis andares acima, descendo na direção da janela da mulher maluca. Porém, em vez de usarem a escada, eles praticamente voavam, passando de apoio em apoio com a leveza de sombras deslizando pelo teto.

Fiquei observando, impressionado, até que a garota ao meu lado gritou duas palavras assustadoras:

— *Forno elétrico!*

O aparelho despencava bem na direção das nossas cabeças, com a portinha aberta, espalhando migalhas...

Enrolamos a Stratocaster no cobertor e saímos correndo.